

E

O papel do imperialismo nos processos de exploração e desigualdade global

Iniciamos a primeira edição da *Revista Estudos do Sul Global* (RESG) com o tema “A atualidade do imperialismo e as lutas de libertação dos povos”, ao considerarmos que o imperialismo é a categoria mais adequada para entender os processos de exploração e desigualdade global.

Embora o desenvolvimento da teoria sobre o imperialismo seja mais bem qualificada dentre os grupos alinhados ao pensamento socialista, era certo que aquele se constituía como o inimigo principal das lutas por libertação nacional no período pós Segunda Guerra Mundial, diante da consolidação de dois grandes polos hegemônicos na geopolítica: os EUA de um lado, representando os países capitalistas desenvolvidos, e a União Soviética (URSS) do outro, demarcando o socialismo real a partir da vitória da Revolução de Outubro de 1917.

Em suas várias formas de interpretação, que vai desde os primeiros escritos de Hobson (1981) com cargas de lutas anti-coloniais às definições de Schumpeter (1961), que fazia simples relações da ideia de Império e domínio político, o pensamento marxista foi o que melhor elaborou e sistematizou sobre o tema, inserindo-o dentro do sistema mundial de relações econômicas e políticas, as interdependências de Estados e grupos econômicos e a relação com as lutas de libertação nacional, em particular os desdobramentos assistidos pós Segunda Guerra Mundial (Hobsbawn, 1994).

Acreditamos que a principal contribuição dessa vertente está relacionada à questão nacional e às lutas anti-imperialistas. No início das discussões sobre o imperialismo - pré Primeira Guerra Mundial -, os marxistas identificavam o nacionalismo nos países do centro como uma forma de ocultamento da consciência de classe e um conceito que impedia a luta. Ao olhar às experiências do Oriente, Lênin transforma essa visão e identifica a libertação nacional dos povos oprimidos (Galissot, 1981) enquanto um objetivo estratégico revolucionário da luta contra o imperialismo.

Sob esta perspectiva, a luta de libertação nacional se configura na possibilidade dos povos, na eminência de uma guerra mundial, construírem uma saída alternativa em que não sejam dirigidos pela burguesia em uma guerra civil interna ou entre os demais países. O direito à autodeterminação das nações cria unidade entre essas lutas e o movimento revolucionário socialista (Lenin, 1986).

A singularidade do pensamento de Lênin em *O imperialismo, fase superior do capitalismo* em relação a outras teses sobre o tema, reside na afirmação de que a “essência do imperialismo” está na oposição entre potências dominantes e nações oprimidas, sendo a dependência nacional um problema visto pela ótica do imperialismo. Mais do que isso, ao aprofundar o debate sobre a questão nacional e as lutas que vinham ocorrendo em todo o Oriente, Lênin define esses processos como “nacional-revolucionários” (Galissot, 1981).

Dessa forma, ele traz para o centro do debate das lutas revolucionárias comunistas – cuja experiência soviética era o maior exemplo – o tema da questão nacional e a relação da luta anti-imperialista. Em *Teses sobre a questão nacional e colonial* (1920), Lênin destaca o papel da política dos partidos comunistas em relação a essa temática. Para ele, a luta deve ser analisada nas condições econômicas de cada realidade, na distinção e interesses das classes oprimidas e da classe dominante e, por fim, na diferenciação entre as nações oprimidas e dependentes das nações soberanas, diferente dos princípios abstratos e formais da democracia burguesa. As lutas de libertação nacional devem estar estreitamente repousadas sobre a aliança do proletariado e das massas trabalhadores contra a burguesia e os proprietários de terras.

Ao tratar da mudança de eixo dos processos revolucionários do centro às diversas rupturas dos “elos fracos da cadeia” identificada por Lênin, Amin (1981) reforça a particularidade do desenvolvimento capitalista no Terceiro Mundo. Para o intelectual egípcio, não há saídas revolucionárias nos moldes clássicos do

Ocidente a partir unicamente da classe operária; é necessário ampliar os sujeitos em luta e contemplar todo o povo oprimido.

A luta pela libertação é complexa e interliga diversos estágios que não ocorrem de forma homogênea. As forças do imperialismo se reorganizam para impedir esses avanços no campo econômico, político e, principalmente, no campo militar, impelindo contra o poder nacional vigente. Desde o início, as lutas de libertação nacional estiveram em constante disputa contra as antigas metrópoles e o imperialismo. Portanto, tratar do conceito de imperialismo pressupõe trazer os processos libertação dos povos diante desse inimigo central.

O imperialismo busca controlar o planeta e todos os seus recursos, além do espaço sideral. Ele procura consolidar esse controle de forma cada vez mais centralizada e concentrada; divide o globo, estrangula o destino de nações inteiras e leiloa a terra e os recursos sob sua superfície (Lopez, 2020).

Nesse sentido, essa edição da *Revista Estudos do Sul Global* tem o intuito de ser mais um espaço para compreender de forma mais profunda os atuais mecanismos utilizados pelo imperialismo para intensificar sua dominação, delimitar a profundidade de sua crise e entender quais possibilidades de hegemonias alternativas permitiriam reeditar o compromisso com a libertação dos povos a partir do Sul Global.

Em boa medida, permite-nos também pensar que devemos estancar o sangramento causado pela espoliação dos nossos corpos, da nossa cultura, dos nossos bens comuns e do nosso trabalho. Que devemos reconstruir uma base histórica sobre a qual possamos ficar de pé, o que Che Guevara sintetizava dizendo que - para além dos desacordos táticos - *“quanto ao grande objetivo estratégico, a destruição total do imperialismo por meio da luta, temos que ser intransigentes”*.

Trazemos então nessa edição valorosas contribuições sobre diversos temas que perpassam o debate do imperialismo e das lutas de libertação dos povos. Os assuntos variados nos ajudam a entender as múltiplas dimensões que a questão nos provoca, possibilitando construirmos um processo de sínteses entre consensos e dissensos para o aprofundamento coletivo. São onze artigos e duas resenhas.

O primeiro artigo, do Anderson Barreto Moreira, faz um resgate histórico do debate sobre o imperialismo e anti-imperialismo, a partir dos processos revolucionários das lutas de libertação nacional. Busca trazer as interpretações sobre a dependência na relação centro-periferia até os dias atuais. O segundo artigo, do Leonardo Barboza Farias Severo, analisa as categorias marxistas “Dialética Interna ou a questão nacional”, “Dialética Externa ou a questão internacional” e

“Concorrência Interimperialista”, entendendo a inter-relação existente entre elas e outras categorias para a interpretação da realidade material.

O terceiro artigo foi escrito pelo Caio Bugiato e pela Tatiana Berringer; os autores visam apresentar o eixo central das teorias marxistas do imperialismo em três debates sucessivos: Kautsky e Lênin à época da I Guerra Mundial; Magdoff e Polantzas após a II Guerra Mundial; e Panitch/Gindin e Callinicos no início do século XXI. O quarto artigo, escrito por Mario Soares Neto, debate o imperialismo como determinação para a reprodução das condições de superexploração da força de trabalho a partir de Marx, Lênin e Ruy Mauro Marini.

O quinto artigo, de autoria de Olívia Carolino Pires, debruça sobre os temas da questão nacional, internacionalismo e anti-imperialismo na América Latina, aprofundando cada um desses conceitos, a sua inter-relação nas lutas travadas no continente e os desafios atuais. O sexto artigo, de André de Oliveira Cardoso, analisa as novas formas de atuação do imperialismo a partir da análise das cadeias de produção global, o papel das corporações multinacionais e a relação entre os países do Sul e do Norte.

Já Mariana Messere debate o papel do Imperialismo nas atuais Relações Internacionais e suas consequências no Sul Global. O oitavo artigo, escrito pela Ana Penido, Natália Araújo e Suzeley Kalil Mathias, discute o imperialismo a partir de sua manifestação no pensamento estratégico da defesa brasileira, forçando o país a uma condição de dependência no aspecto militar.

Diego Ferracini Ferreira, por sua vez, analisa as interpretações fundamentalistas da Bíblia e a necessidade da contra-narrativa bíblica que aponte para a denúncia e transformação social. O décimo artigo, de Lauro Allan Almeida Duvoisin, analisa o lugar da educação financeira dentro da cadeia imperialista - sob uma economia mundial financeirizada - e o papel ideológico que reforça um consentimento subalterno dos povos do Sul Global. O último artigo, de Pedro Mattos, retrata o papel da superexploração como fundamento para entender o imperialismo do século XXI a partir da análise da teoria marxista.

Por fim, trazemos também duas resenhas nesta edição. A primeira é de Fábio Alexandre Tardelli Filho, que trabalha o livro de Vijay Prashad, “Balas de Washington: Uma história da CIA, Golpes e Assassinatos”. A segunda resenha, realizada pela Angélica Tostes e Delana Corazza, apresenta o livro da jornalista e pesquisadora Magali do Nascimento Cunha, “Fundamentalismos, Crise da Democracia e Ameaça aos Direitos Humanos na América Latina: Tendências e Desafios para a Ação”.

Também gostaríamos de deixar registrado o empenho de toda a equipe do escritório Brasil do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** na produção deste primeiro número, seja nos pareceres de cada artigo, na revisão final, na diagramação e em se desafiar na escrita de textos que contribuam para a ação política. Aos e às pesquisadoras Ana Penido, Angélica Tostes, Delana Corazza, Lauro Carvalho, Matheus Assunção e Stella Paterniani. A equipe da secretaria, Cristiane Ganaka, Luiz Felipe, Olivia Carolino e Rebecca Gendler. A equipe de artes e diagramação, conduzido nesse trabalho pela Ingrid Neves, que nos presenteou com esse material lindo e ilustrado. Não poderíamos deixar de agradecer também a todos os artistas que participaram da Exposição de Cartazes Ainti-imperialistas, cujos desenhos podem ser conferidos ao longo desta edição.

A todas e todos, desejamos uma boa leitura e bom debate!



André Cardoso
**Coordenador do Instituto
Tricontinental de Pesquisa Social
Escritório Brasil**

Referências bibliográficas

Amin, S. **A vocação terceiro-mundista do Marxismo**. In: Hobsbawm, E. et alii (orgs.). História do Marxismo. Vol. XI. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981

Galissot, R. **O imperialismo e a questão nacional e colonial**. In: Hobsbawm, E. et alii (orgs.). História do Marxismo. Vol. VIII. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981

Hobsbawm, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

Hobson, J. A. **Estúdio del imperialismo**. Madrid: Alianza Universidad, 1981

Schumpeter, J.A. Imperialismo e classes sociais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961. Biblioteca de Ciências Sociais.

Lênin, V. **Teses sobre a questão nacional e colonial**. Para o 2º Congresso da Internacional Comunista. 1920.

_____. Obras Escolhidas em seis tomos, Edições “Avante!”, 1986. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1915/guerra/index.html>

López, Emiliano (org.). **As veias do sul continuam abertas: debates sobre o imperialismo do nosso tempo**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.